

Menos 200 mil carros nas ruas. E não é culpa das férias.

Os efeitos da recessão já são perceptíveis nas ruas de São Paulo. Segundo levantamento da Companhia de Engenharia do Trânsito (CET) realizado no mês de novembro, nos horários de pico (das 7 às 9 horas e das 17 às 20) há menos 200 mil carros circulando na cidade. Como reflexo dessa queda, a lentidão do fluxo de veículos e os trechos congestionados são menores. "Há menos carros circulando nos pólos comerciais", constata Irineu Gnecco Filho, gerente de operações da CET, atribuindo o fato à recessão, pois a maioria das escolas só entra em férias este mês.

O levantamento da CET toma por base os detectores instalados em 500 semáforos ligados a uma central de computação, que contabilizam o número de carros que passam pelos principais cruzamentos da cidade. Num pólo comercial como o do Itaim Bibi, o motorista agora consegue cruzar toda a extensão da rua João Cachoeira em apenas 5 minutos nos horários de pico. Normalmente, ele faria o percurso no triplo do tempo. O município de São Paulo tem 4,2 milhões de veículos licenciados, mas circulam diariamente só 2,5

Avenida
São João
ontem
à tarde:
trânsito
fácil.



Maurilo Clareto/AE

milhões, dos quais 40% procedem de outras cidades. Os 200 mil que deixaram de rodar correspondem a 8% do total.

Nos postos de gasolina, a queda no movimento começou a ser sentida em outubro. No posto São Paulo da rua Santa Ifigênia, as vendas caíram 30% nos dois últimos meses, e serviços acessórios, como lavagem e troca de óleo, registraram menos 40%. "As pessoas param no posto para colocar Cr\$ 500,00 em gasolina", lamenta o dono Mauro Lugnani, para quem a queda é genérica, variando um

pouco de acordo com o poder aquisitivo da região.

No segmento de transporte de carga, a redução das encomendas do comércio provocou uma queda de 23% em novembro, conforme Adalberto Pansan, presidente da Federação das Empresas de Transporte de Cargo do Estado. Dos 120 mil caminhões que circulam diariamente no município, 10% estão parados em consequência do menor movimento comercial. "E a expectativa futura não é nada otimista", prevê ele.

Stella Galvão